



KnoWhy #137

Junho 16, 2017



Por que o desejo de Alma era pecaminoso?

"Mas eis que sou um homem e peço em meu desejo"

Alma 29:3

O conhecimento

Alma 29 começa a famosa frase: "Oh! eu quisera ser um anjo e poder realizar o desejo de meu coração de ir e falar com a trombeta de Deus, com uma voz que estremecesse a terra, e proclamar arrependimento a todos os povos!" (v. 1). A esse desejo solene Alma acrescentou: "Sim, declararia a todas as almas, com voz como a do trovão, o arrependimento e o plano de redenção, para que se arrependessem e viessem ao nosso Deus" (v. 2).

Neste ponto de seu desejo, Alma confessa que peca em seu desejo (Alma 29:3). Para entender o porquê, Alma 29 precisa ser lido de muitas perspectivas: pessoal, política, oficial, poética e espiritual. Este breve capítulo é uma das mais belas expressões espirituais do Livro de Mórmon, que está entre as melhores literaturas religiosas em qualquer lugar.

Pessoalmente, em Alma 29:1, Alma provavelmente estava pensando no anjo de sua própria conversão, que lhe apareceu e o chamou ao arrependimento, cuja "voz era como trovão, que fazia tremer a terra"

(Mosias 27:18; ver também Alma 36:7; 38:7). Se ele pudesse pelo menos ser como aquele anjo, Alma estava imaginando, todos se arrependeriam, abraçariam o plano da redenção e chegariam ao verdadeiro Deus, e então não haveria "mais tristeza em toda a face da Terra" (Alma 29:2). Dolorosamente, Alma estava plenamente consciente das muitas tristezas indescritíveis que haviam recentemente caído sobre seu povo e que haviam anteriormente levado à morte de muitos amonitas fiéis (Alma 28:3-12).

Além disso, politicamente, tendo recentemente tomado conhecimento do grande sucesso de seus amigos, os filhos de Mosias, Alma pode muito bem ter se perguntado politicamente se teria sido bem-sucedido ou fracassado em seus próprios empreendimentos durante aqueles 14 anos em que seus amigos estiveram ausentes. Durante esse tempo, Alma viu controvérsias políticas, guerras civis, apostasias, crianças queimadas e Amonia destruída. Em contraste com as realizações heróicas de seus

amigos, Alma renunciou à sua posição de juiz supremo para dedicar seu tempo a reivindicar o povo com um "testemunho puro" (Alma 4:19), mas ele podia contar como seus principais sucessos as conversões de alguns, como Amuleque e Zeezrom.

Oficialmente, como sumo sacerdote na cidade de Zarahemla, Alma desejou ter sinceramente feito mais. No entanto, em toda a sua glória sacerdotal, Alma reconhece que "esta é a minha glória, que talvez possa ser um instrumento nas mãos de Deus para trazer alguma alma ao arrependimento" (Alma 29:9). Aqui, Alma percebe que pode ser feliz, se apenas pudesse trazer "alguma alma" ao arrependimento. E assim, além disso, o espírito de Alma estava "[cheio] de alegria" ao ver "muitos de meus irmãos verdadeiramente penitentes" (v. 10; cf. D&C 18:11-16).

O porquê



Com a situação de Alma em mente, pode-se ver várias razões pelas quais Alma pode ter pecado em seu desejo.

Seu desejo usurpou um papel angelical que não era seu. Ele extravagantemente desejava falar com mais força do que o anjo do Senhor, querendo "proclamar arrependimento a todos os povos" e "a todas as almas", para remover toda a tristeza de "toda a face da Terra" (Alma 29:1-2), apropriando-se efetivamente do papel e do poder de Deus.

Ele estava errado em pensar que de alguma forma isso poderia remover a dor de toda a terra. Não só seria impossível, mas negaria o decreto de Deus de que o bem e o mal fossem colocados diante de todos os homens para que escolhessem de acordo com seus desejos e, assim, experimentassem alegria ou remorso, como Alma reconhece (Alma 29:5).

Seu desejo refletia descontentamento com as coisas que o Senhor lhe havia designado (Alma 29:3-4). Seu desejo teria tentado novamente arar o terreno dos firmes decretos de Deus, aconselhando o Senhor e, de fato, negando que "o Senhor aconselha com sabedoria, segundo o que é justo e verdadeiro" (v. 8). Refletindo, Alma reconheceu que seu santo chamado espiritual era simplesmente trazer "alguma alma" ao arrependimento.

Em seu desejo, Alma reconheceu que ele pecou em seu coração ou mente devido a tais desejos. Élder Neal A. Maxwell ensinou: "O desejo denota um anseio ou uma aspiração real. Portanto, desejos honrados são muito mais do que preferências passivas ou sentimentos passageiros". Essa verdade é evidente aqui na reflexão honesta de Alma. Alma reconheceu que o papel de Deus é conceder aos homens "segundo os seus desejos", e que "o bem e o mal se apresentam a todos os homens", seja por "vida ou a morte, a alegria ou o remorso de consciência" (Alma 29:4-5). Alma entendeu a doutrina de que alguns desejos "precisam ser diminuídos e depois finalmente dissolvidos".

Então, reafirmando-se no que ele realmente sabia, Alma perguntou: "Por que desejaria eu ser um anjo, poder falar a todos os confins da Terra?" (Alma 29:7). A essa pergunta, ele imediatamente respondeu que não desejaria isso, porque é na sabedoria de Deus que todas as nações receberão, em sua própria língua, como o Senhor julgar adequado (v. 8), e porque o Senhor lhe ordenou não "glor[iar-se] de [si] mesmo", mas "glor[iar-se] naquilo que o Senhor [lhe] ordenou" (v. 9).

Durante anos, Alma ensinou que "nossas palavras nos condenarão, sim, todas as nossas obras nos condenarão; [...] e nossos pensamentos também nos condenarão" (Alma 12:14). Na verdade, a lei estabelecida por Alma na igreja na terra de Zarahemla proibia expressamente a "inveja" (Alma 1:32; 4:9; 16:18). Cobiçar, ou invejar, é um assunto sério. Está relacionado no Livro de Mórmon com desacordo, contenda, malícia, orgulho, queda e engano.



Para officiar efetivamente como sumo sacerdote, Alma precisaria se proteger contra qualquer pecado, incluindo pecados secretos. Pensamentos e desejos são poderosos. A proibição culminante nos Dez Mandamentos é: "Não cobiçarás" (Êxodo 20:17). As circunstâncias aqui, por volta do início do ano do jubileu, só aumentavam a gravidade de qualquer coisa que se aproximasse da cobiça ou de qualquer outra transgressão.

Especialmente o sumo sacerdote precisava ser completamente puro e livre de pecado para officiar no Santo dos Santos no dia da expiação, no início de cada

Jubileu, no décimo dia do sétimo mês (Levítico 25:8). Estar infeliz com as coisas que o Senhor lhe havia designado teria afetado Alma em seu coração. Ele teria reconhecido isso como um pecado grave, mais do que os leitores de hoje podem pensar.

Na verdade, seu desejo, se cumprido, o teria levado a ignorar muitas coisas que se deve lembrar espiritualmente em justiça. Ele teria colocado Alma à frente de seus quatro irmãos, cujo grande sucesso merecia ser celebrado com o maior júbilo. Seu desejo poderia ter levado Alma a gloriar-se em si mesmo, e não a gloriar-se naquilo que o Senhor lhe ordenara, e poderia tê-lo distraído de sua responsabilidade de regozijar-se altruisticamente com o sucesso de todas as outras pessoas. Seu desejo o teria desviado de oferecer sua oração sacerdotal no final de Alma 29, para que seus irmãos e seus conversos, pudessem todos "assen[tar-se] no reino de Deus [...] para que não saiam mais e louvem-no para sempre".

Na mente de Alma, perder-se em qualquer um desses aspectos, muito menos neles todos, teria constituído nada menos que um pecado de proporções tempestuosas e trêmulas. Felizmente, Alma foi espiritualmente sensível o suficiente para diminuir e dissolver esses impulsos.

O glorioso texto de Alma termina com ele pensando não em si mesmo, mas no grande sucesso dos quatro filhos de Mosias que haviam subido à terra de Néfi, que haviam trabalhado muito e dado muito fruto (Alma 29:17). "Um sinal claro de um discípulo de Cristo é que ele ou ela aprendeu a se alegrar com o progresso dos outros". Alma conclui seu solilóquio poético, não pedindo bênçãos para si mesmo, mas oferecendo uma oração de intercessão em nome dos outros. Puramente pede:

E agora possa Deus conceder a esses meus irmãos que se assentem no reino de Deus; sim, e também todos os que são os frutos de seus trabalhos, para que não saiam mais e louvem-no para sempre. E conceda Deus que aconteça segundo minhas palavras, de acordo com o que disse. Amém. (Alma 29:17).

Leitura complementar

John A. Tvedtnes, "The Voice of an Angel", em *Book of Mormon Authorship Revisited*, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: FARMS, 1997), pp. 311–321.

S. Kent Brown, "Alma's Conversion: Reminiscences in His Sermons", em *The Book of Mormon: Alma, The Testimony of the Word*, ed. Monte S. Nyman e Charles D. Tate Jr. (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1992), pp. 141–156, esp. 149–151.



© Central do Livro de Mórmon, 2017

Notas de rodapé

1. Ver S. Kent Brown, "Alma's Conversion: Reminiscences in His Sermons", em *The Book of Mormon: Alma, The Testimony of the Word*, ed. Monte S. Nyman e Charles D. Tate Jr. (Provo, UT: Religious Studies Center, Brigham Young University, 1992), pp. 141–156, esp. 149–151; John A. Tvedtnes, "The Voice of an Angel", em *Book of Mormon Authorship Revisited*, ed. Noel B. Reynolds (Provo, UT: FARMS, 1997), pp. 311–321. Sobre falar com voz de trovão, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que o anjo falou a Alma 'com voz de trovão'? (Mosias 27:11)", KnoWhy 105 (10 de maio de 2017).
2. Sobre as controvérsias políticas e religiosas causadas por Neor, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que Neor sofreu uma morte 'ignominiosa'? (Alma 1:15)", KnoWhy 108 (13 de maio de 2017).
3. Um desses conflitos foi com os Anlícitas. Consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que os anlícitas desapareceram? (Alma 2:11)", KnoWhy 109 (15 de maio de 2017); "Por que os profetas do Livro de Mórmon não incentivavam o casamento entre nefitas e lamanitas? (Alma 3:8)", KnoWhy 110 (16 de maio de 2017).
4. Sobre Alma lidar com a apostasia, consulte o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que Alma precisava 'estabelecer a ordem da igreja' em Zarahemla novamente? (Alma 6:4)", KnoWhy 113 (19 de maio de 2017).
5. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que a cidade de Amonia foi destruída e desolada? (Alma 16:9–11)", KnoWhy 123 (31 de maio de 2017). Além de tudo isso, Corior pode muito bem ter começado a agitar "contra todas as profecias dos santos profetas" para interromper o "regozijo" dos fiéis (Alma 30:22). Além disso, os zoramitas da época discordaram e começaram a construir seu próprio local de culto com o Rameumptom em Antiônium.
6. Talvez o povo acreditasse que ele tinha grandes poderes como sumo sacerdote, e talvez até o pressionassem a sugerir que ele poderia — e talvez devesse — fazer mais para invocar os poderes de Deus para resolver os muitos problemas que vinham assolando o povo nefita.
7. Da mesma forma, ao deixarem a missão, os filhos de Mosias oraram "a fim de servirem de instrumento nas mãos de Deus, para, se possível, levarem seus irmãos, os lamanitas, a conhecerem a verdade" (Alma 17:9) e, de fato, se tornaram instrumentos na conversão de muitos (Alma 26:3, 15).
8. Neste ponto, Alma lembrou-se de que Deus havia ouvido sua oração, que Deus havia estendido seu braço misericordioso para ele, e que Deus havia libertado seus pais do cativeiro, e que por meio deles Deus estabeleceu sua igreja (Alma 29:10–12). Na igreja de Deus, Alma havia recebido "um santo chamado para pregar a palavra a este povo" (v. 13), no qual ele havia visto "grande êxito, com o que muito me regozijo" (v. 13), pois, como sumo sacerdote, Alma havia instruído o povo a "guardar os mandamentos do Senhor; e observavam

estritamente as ordenanças de Deus, segundo a lei de Moisés" (Alma 30:3).

9. Alma admitiu em inglês: "I ought not to harrow up in my desires the firm decree of a just God" ("Não deveria perturbar com os meus desejos o firme decreto de um Deus justo"; Alma 29:4). Em inglês, "harrow" significa arar. Arar envolve quebrar o solo para plantar. Então Alma percebe que está procurando "quebrar" o firme decreto de Deus, um desejo que é pecaminoso.
10. Élder Neal A. Maxwell, "Segundo o Desejo de [nossos] Corações", A Liahona, outubro de 1996, pp. 21–22.
11. Maxwell, "Segundo o Desejo de [nossos] Corações", pp. 21–22.
12. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, "Por que Alma queria falar 'com a trombeta de Deus'? (Alma 29:1)", KnoWhy 136.
13. Ed J. Pinegar e Richard J. Allen, *Commentaries and Insights on the Book of Mormon: 1 Nephi to Alma 29* (American Fork, UT: Covenant Communications, 2007), p. 620.